

# HERMENÊUTICA E CEMITÉRIOS: UM OLHAR SOBRE O CEMITÉRIO DA SANTA CASA EM PORTO ALEGRE

Thiago Nicolau de Araújo - Freie Universität Berlin/Faculdades EST/CAPES

**Resumo:** Percebemos diferentes maneiras das sociedades expressarem o sentimento sobre a morte, mas sempre mantendo a ideia de conservar a memória do morto pela imagem, numa tentativa de manter viva sua identidade. Para o cristão, a fé na vida eterna representa um elo entre o mundo dos vivos (profano) e o mundo dos mortos (sagrado). Daí surge à necessidade de conservar a memória do morto, criando uma relação permanente entre o mundo profano e o mundo sagrado. Analisamos as obras funerárias através de uma hermenêutica específica, pois quando uma família escolhe uma estátua de Cristo, de algum santo e insere outros elementos da fé cristã, está reafirmando sua crença religiosa ou da comunidade em que vive. Assim, é na diversidade de adereços que compõem a arte funerária que se torna possível identificar as concepções religiosas presentes em um campo santo.

**Palavras-chave:** Cemitérios, arte tumular, religiosidade, hermenêutica.

**Abstract:** We realized different ways societies express the feeling of death, but always keeping the idea of preserving the memory of the dead by the image in an attempt to keep alive their identity. For Christians, the belief in eternal life represents a link between the living world (secular) and the dead (sacred). Hence arises the need to preserve the memory of the dead, creating a permanent relationship between the secular world and the sacred world. We analyzed the funeral works through a specific hermeneutic, because when a family chooses a statue of Christ, holy and inserts some other elements of the Christian faith, is reaffirming his belief or religious community in which they live. Thus, it is the diversity of props that compose the funerary art that makes it possible to identify the concepts present in a religious holy ground.

**Keywords:** Cemeteries, tomb art, religiosity, hermeneutics.

## Hermenêutica cemiterial: algumas considerações

Pensar sobre o espaço destinado aos mortos é pensar sobre as manifestações culturais da sociedade que organiza e dá significado a esse espaço. Diferente do que o pensamento comum atribui ao cemitério, delegando elementos muitas vezes supersticiosos e sobrenaturais, estes – os cemitérios - são repletos de significados sociais, políticos, religiosos, culturais e étnicos.

Dessa forma faz-se necessário propor uma hermenêutica acerca das produções e expressões contidas nos campos santos, buscando interpretar de maneira contextual os elementos simbólicos das culturas ali encontradas.

A palavra *cemitério* (do grego *Koumetérion*, de *kiomao*, eu durmo e do latim *coemeterium*) designava, a princípio, o lugar onde se dormia, quarto, dormitório, pórtico para os peregrinos. Assim, o cemitério passou a ter o sentido de local de descanso, onde repousa o corpo (Borges, 2002, p.128).

Entendemos então que o termo *cemitério*, conforme nos elucidava Loureiro, possui o seguinte significado:

*A palavra cemitério aplica-se, propriamente, a um lugar em que é dada a sepultura por inumação, por enterramento direto no solo. É, pois, por abuso, por extensão, de sentido, que é empregada para designar os hipogeus egípcios, os ajuntamentos de sepulturas cavadas na rocha, como na Assíria, na Fenícia e na Índia, os túmulos gregos e outros, os columbários. (Loureiro, 1977, p. 28).*

Ao discutir a relação do ser humano com a sua própria finitude através das representações funerárias, devemos antes definir o que entendemos por túmulo. Existem algumas tentativas de classificação nomeando essas construções; não há, entretanto, consenso. Conforme Carrasco e Nappi (2009)

*De modo geral, as obras produzidas na França utilizam o termo “tombeau”, ou seja, túmulo. Assim, utilizar-se-á o termo túmulo que melhor define o objeto deste estudo, tomando por referência a definição dada por Viollet-le-Duc (1867-1870). Em seu Dictionnaire Raisonné de l'Architecture Française du XIe au XVIe Siècle, Tome 9 (1870), entende-se por túmulo todo monumento erigido em homenagem ao morto sobre a sua sepultura ou como sepultura, seja ele um mausoléu, uma capela ou uma simples construção que indique o sepultamento. Segundo Viollet-le-Duc (1867-1870), de todos os monumentos, os túmulos são os que apresentam um vasto campo para os estudos da arqueologia, da etnologia, da história, das artes e da filosofia.*

Portanto entendemos que o túmulo é toda e qualquer obra arquitetônica, dentro ou fora do cemitério, ao qual repousa o cadáver, ossos ou restos mortais de um ou mais indivíduos. Através do estudo da origem histórica dos cemitérios, verificamos que a humanidade se preocupa desde a pré-história com o destino que terá o corpo morto, e dessa forma, começam a enterrar seus defuntos em locais específicos, para o descanso final. Esses locais, os cemitérios, começam a reproduzir através de expressões

funerárias como lápides, túmulos, catacumbas, mausoléus, entre outros, a visão das comunidades sobre a finitude da vida.

Através da simbologia contida nas sepulturas, podemos entender a relação com a finitude, uma vez que toda expressão simbólica é uma forma de discurso. Quando um indivíduo, família, grupo ou instituição escolhe este ou aquele símbolo para compor determinada sepultura, está reafirmando suas crenças religiosas e culturais da comunidade na qual estão inseridos.

A estética cristã foi profundamente marcada pela atitude de produzir imagens geradas pela crença. Assim a estética cristã carrega o que o Didi-Huberman chama de melancolia, e tal característica deixou traços na arquitetura e na tradição cemiterial. Já que [...] o homem da crença prefere esvaziar os túmulos de suas carnes putrecentes, desesperadamente informes, para enchê-los de imagens corporais sublimes, depuradas, feitas para confortar e informar – ou seja, fixar – nossas memórias, nossos temores e nossos desejos [...] (1998, p. 48).

Percebemos diferentes maneiras das sociedades expressarem o sentimento sobre a morte, mas sempre mantendo a idéia de conservar a memória do morto pela imagem, numa tentativa de manter viva sua identidade. Assim como há uma necessidade de manter viva a identidade do morto, também há a necessidade de se preservar a identidade cultural de uma sociedade num determinado período de tempo.

Os cemitérios são ótimos exemplos desta necessidade de manter “viva” a identidade cultural de um determinado grupo, que expressam esta ideia de diferentes maneiras, seja através de epitáfios, estatuária, fotografia ou símbolos. Esse tipo de evidência está associado ao modo de dominação simbólica, que conforme Baczkó, (1985, p.332) “qualquer coletividade produz um sistema simbólico que compreende os imaginários sociais, dessa forma sendo um instrumento de preservação da memória cultural”.

A preservação da memória do morto fortalece a afirmação da identidade cultural, pois de acordo com Le Goff (1994, p.476) “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.” Também afirma que em determinados casos, associa-se a memória do morto a aspectos da sociedade em que está inserido, em torno da memória comum.

Os cemitérios preservam a identidade no momento em que visualizamos que as diferenciações sociais são destacadas, pois os grandes monumentos são destinados aos elementos destacados dos grupos dominantes enquanto a classe média vai para as catacumbas modestamente decoradas, ou seja, em determinados períodos os cemitérios das nossas cidades refletem a estratificação social (Bellomo, 2000, p.51).

Conforme Geertz,

*Os significados só podem ser "armazenados" através de símbolos: uma cruz, um crescente ou serpente de plumas. Tais símbolos religiosos, dramatizados em rituais e relatados em mitos, parecem presumir, de alguma maneira, pelo menos para aqueles que vibram com eles, tudo que se conhece sobre a forma como é o mundo, a qualidade de*

*vida emocional que ele suporta, e a maneira como deve comportar quem está nele. Dessa forma, os símbolos sagrados relacionam uma ontologia e uma cosmologia. (2008, p. 94)*

O símbolo artístico também é símbolo de cultura. Diferente dos símbolos religiosos que expressam a fé do indivíduo, da família e também da comunidade ali sepultados, a arte tumular muitas vezes buscam exaltar através de um elemento específico o status social da família, o gosto artístico e também as origens étnicas dos membros familiares.

Entendemos que a questão da análise simbólica se estende em diversos ramos do conhecimento, possuindo assim diversas interpretações. No caso da simbologia contida no cemitério, e no nosso caso, um cemitério criado e mantido por uma congregação religiosa, seu significado está normalmente atrelado ao simbolismo religioso, já que os campos santos antes de tudo transmitem uma mensagem religiosa. A partir deste pressuposto a simbologia artística possui uma relação com a ideia das representações mortuárias, bem como da celebração da memória dos feitos do morto em vida, ressaltando assim a construção de uma identidade pública/privada, pois os símbolos representam a corporificação de um conceito. Os símbolos estão atrelados muitas vezes a origem cultural e geográfica de seus idealizadores e podem sofrer alterações conforme o período em que são utilizados. Conforme Koch (1998, p.7) só assim é possível entender as diferentes impressões que as obras artísticas nos provocam.

Desse modo, o cemitério passa a ser uma fonte rica de elementos que testemunham, relatam e contribuem para construir o contexto de determinadas sociedades, contextualizadas em um espaço-tempo. As imagens e escritos lá representadas são um reflexo das representações coletivas diante das diferentes manifestações sociais, culturais e políticas do mundo dos vivos. Essa ideia é confirmada por Fernando Catroga: “Para representar o seu papel, o cenário cemiterial tinha de ser predominantemente simbólico. Todavia, esta verificação tem de ser interpretada com cautelas. É que, nesta trama, a função metafísica está intimamente colada às suas implicações sociais (...).” (1999, p. 112)

Ao estudar os cemitérios, procuramos problematizar o lugar reservado aos mortos e pensar sobre os múltiplos olhares que os vivos fazem sobre este espaço, pois a transmissão das culturas bem como suas observações sobre as representações da morte reflete modos de pensar e de agir. Neste sentido, as palavras de Henrique Batista nos revelam os diferentes aspectos que podem ser analisados: “Não existe um único modelo de apresentar a morte, pois as atitudes diante da finitude não são as mesmas. E tal não se dá nem mesmo entre os membros de uma mesma camada social, quanto mais entre grupos socialmente opostos.” (2002, p.12).

Neste sentido é que a necrópole, portanto, não seria a “cidade dos mortos”, mas sim a “cidade dos vivos e dos mortos”, pois expressa os sentimentos sociais que marcam determinadas culturas em determinados períodos de tempo, bem como o contexto histórico em que estão inseridas. Elias nos afirma “É especialmente para as desconhecidas gerações futuras que aqueles que estão agora vivos se voltam com tudo o que é significativo em suas realizações e criações.” (Elias apud Batista, 2002, p.64).

Para entender as manifestações religiosas, devemos levar em conta que o mundo católico possui uma ideologia religiosa que revela a crença em duas áreas distintas: o mundo do sagrado, onde Deus está presente, com muita religiosidade, e o mundo do profano, onde as ideias religiosas não são tão importantes para uma postura de vida. Isso leva a sociedade a ter duas posturas éticas: a religiosa e a social (Bellomo, 1988, p.26).

Geertz afirma que

*Essa demonstração de uma relação significativa entre os valores que o povo conserva e a ordem geral da existência dentro da qual ele se encontra é um elemento essencial em todas as religiões, como quer que esses valores ou essa ordem sejam concebidas. O que quer que a religião possa ser, além disso, ela é, em parte, uma tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, em vez de explícita e conscientemente pensada) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta. (2008, p. 95)*

Desse modo, para o cristão, a fé na vida eterna representa um elo entre o mundo dos vivos (profano) e o mundo dos mortos (sagrado). Daí surge a necessidade de conservar a memória do morto, criando uma relação permanente entre o mundo profano e o mundo sagrado.

O túmulo nos oferece essas duas atitudes, como simulacro e como elo entre o profano (mundo terrestre) e o sagrado (mundo celestial). A negação da morte como fim fica evidenciada na preocupação com a construção e manutenção de um túmulo, e as relações com a finitude são expressas nas simbologias contidas no espaço cemiterial. O cemitério passa a ser um espaço sagrado, como o templo, uma vez que também é local de culto, e considerado como *solo sagrado, campo santo* por diversas manifestações religiosas. Eliade (2010, p. 56) refere-se ao Templo como local da preservação do sagrado, e assim também é o cemitério: “O templo ressanctifica continuamente o mundo [...] é graças ao Templo que o mundo é ressanctificado na sua totalidade [...] está (o templo) ao abrigo de toda corrupção terrestre”.

Devemos, portanto, analisar as obras funerárias como uma forma de discurso, pois quando uma família escolhe uma estátua de Cristo, de algum santo e insere outros elementos da fé cristã, está reafirmando sua crença religiosa ou da comunidade em que vive. Dessa forma, o túmulo é uma representação de uma identidade cultural individual. Se um mesmo elemento escultórico aparece repetidas vezes em um curto espaço de tempo, percebemos a representação de identidade cultural coletiva.

Assim, é na diversidade de adereços que compõem a arte funerária que se torna possível identificar as concepções religiosas presentes em um campo santo. Conforme Bellomo: “As inscrições, símbolos, estátuas, pinturas nos mostram a religiosidade local e a relação religião/morte. Anjos, Cristos, crucifixos e estátuas de santos nos revelam a visão cristã e as devoções mais comuns da região”. (1996, p.3).

Neste sentido analisaremos a simbologia cristã no cemitério, pois ela se estabelece como um elemento que estabelece as relações sociais e as transmissões culturais, desse modo definindo identidades culturais:

*“Toda cultura é uma produção de símbolos, através dos quais os homens se expressam, se comunicam e trocam a riqueza interior. Se não conseguimos conhecer sequer o homem em sua intimidade, a não ser por meio de seus gestos e de suas palavras, muito maior ainda é a necessidade dos símbolos. A religião – como toda a cultura – não pode existir sem símbolos. (Zilles, 1996, p.11)*

## O Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre: túmulos com expressões simbólicas cristãs e alegóricas

Ao pesquisar o Cemitério da Santa Casa de misericórdia de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, propomos analisar os túmulos em caráter qualitativo, exemplificando por amostragem a representação da identidade cultural religiosa em uma determinada categoria de conjuntos tumulares, especificamente, aqueles que revelam o simbolismo religioso católico, no período de maior profusão da estatuária cristã em Porto Alegre, conforme afirmado por Bellomo, onde “registrou-se entre o período que vai de 1900 a 1940 uma notável expansão da estatuária em Porto Alegre, [...], fato que se entende face à expansão econômica pela qual a região passava.” (1994, p.67). O artigo não tem o objetivo de descrever ou estruturar uma tipologia de análise simbólica/alegórica das diferentes expressões artísticas encontradas em cada túmulo, nem compará-los à demais análises realizadas por outros autores em outros cemitérios no Brasil, mas sim ressaltar a importância de pensar no cemitério como espaço para desenvolver hermenêutica(s) sobre essas representações, destacando o espaço como significante para percebermos as relações que o(s) indivíduo(s) estabelecem entre as expressões de fé.

Nesse sentido, faz-se necessário uma breve contextualização histórica sobre os enterramentos na capital do Rio Grande do e no caso, sobre a estruturação do Cemitério da Santa Casa. Durante o período colonial, a tradição determinava que os mortos fossem enterrados nas igrejas. A morte era vista de uma perspectiva de humildade, portanto, os túmulos depositados nas igrejas eram muito semelhantes: uma inscrição, uma lápide ou um brasão da família do morto eram suficientes.

*No início do século XIX começaram a aparecer os túmulos mais significativos no Rio de Janeiro, destinados a Família Real. Após a independência, com a proibição de sepultamentos em igrejas, surgiram os cemitérios com túmulos cada vez mais grandiosos. Tanto a aristocracia como a crescente burguesia começou a adornar seus túmulos com estatuária. (Bellomo, 1994, p.63)*

O sepultamento fora das Igrejas não era algo de novo na história da cultura ocidental. Em alusão a este fato ressalta Francisco Queiroz (2007, p. 55):

*Em toda a Cristandade, o enterramento ad sanctos foi sempre um hábito anterior à própria concepção de “igreja” como espaço de culto. Os hábitos de inumação no interior de igrejas, claustros e terrenos envolventes continuaram ao longo de séculos. [...] Na Roma clássica, as necrópoles situavam-se fora das cidades normalmente nas*

*suas vias de acesso. Quando algumas das necrópoles romanas dos primeiros séculos do Cristianismo foram transformadas em basílicas, estas se situavam ainda nos subúrbios das cidades. No entanto, as basílicas – locais de peregrinação e pólos aglutinadores de população – em breve passaram a estar rodeadas de habitações. Sendo assim, na Idade Média, as igrejas (e, conseqüentemente, os cemitérios) situavam-se já bem no centro das povoações.*

De acordo com Bellomo, a aristocracia gaúcha não via necessidade de enfeitar em demasia seus túmulos. Apenas capelas com lápides no interior, registrando os nomes dos falecidos, e com o seu brasão esculpido, símbolo suficiente de “status” da nobreza. (1994, p.64)

Os túmulos dos cemitérios de Porto Alegre, devido à influência da colonização portuguesa, bem como do materialismo científico resultante dos governos positivistas, representam a ideia de manutenção da memória do falecido e de suas chamadas *boas qualidades*, sentimentos indicados através da estatuária, de símbolos, de epitáfios e de fotos. Assim, a necrópole não é somente um espaço de memória, mas também de representações artísticas.

Com o desenvolvimento dos meios de transporte, o interior da região sul ligou-se a economia nacional, via Porto Alegre, gerando uma integração econômica tendo efeitos imediatos na acumulação de capitais e conseqüentemente, melhoramentos urbanos, como o fornecimento de água encanada e a iluminação pública (Doberstein, 2002, p.38).

Com a República (1889) a modernização recebeu maiores estímulos, pois a política de crédito fácil conhecida como “encilhamento” proporcionou a instalação e ampliação de diversas indústrias no Estado, criando assim uma classe fortemente capitalizada.

Neste contexto de acumulação de capitais e modernização do Estado, os republicanos positivistas que assumiram o poder político, baseados no modelo elaborado por Augusto Comte, implantavam o chamado “progressismo positivista”.

Sobre a necessidade de construir um cemitério fora da cidade, Abbeg, Bastos e Meneghel indicam que:

*Os relatos mais antigos com relação aos sepultamentos em Porto Alegre descrevem o terreno no qual se situou por muitos anos a antiga praça da Harmonia, às margens do rio Guaíba, como o local do primeiro cemitério na primitiva povoação do Porto dos Casais, fundada pelos açorianos. A partir do ano de 1772, os sepultamentos passaram a ocorrer no cemitério da Igreja matriz e inclusive dentro da própria igreja. O cemitério estendia-se desde os fundos da antiga matriz, na rua Duque de Caxias, até a rua do Arvoredo, hoje Coronel Fernando Machado. Nos terrenos da Igreja das Dores também foram sepultados diversos irmãos da antiga ordem religiosa. Porém, a principal necrópole da época foi a da Igreja da Matriz, que chegaria superlotada ao ano de 1850. Não tardou que esse cemitério fosse envolvido pela expansão da vila, passando a gerar repetidas preocupações de natureza sanitária. (2003, p. 687)*

E continuam:

*No início do século XIX, a cidade de Porto Alegre possuía 3.927 habitantes e apenas uma enfermaria, que abrigava os doentes com verbas da caridade pública. A necessidade da criação de um hospital era evidente, sobretudo para tratar a população carente, e não foi difícil obter a concessão para se abrir um hospital de caridade. A pedra fundamental foi lançada em 1803, e a inauguração das primeiras enfermarias deu-se em 1826. [...] Um dos objetivos da Santa Casa era dar abrigo aos mortos através da construção do cemitério. Por volta de 1840, o cemitério da antiga matriz encontrava-se completamente lotado, não se observando as normas sobre profundidade das covas e sobre o espaço intermediário entre elas. Além disso, não havia indicações sobre a data das inumações, o que levava a serem desenterrados cadáveres ainda em estado de putrefação. Quando o Barão de Caxias, na época presidente da província, publicou seu relatório anual de 1846, fez citações alarmantes com relação ao antigo cemitério, ao qual não faltavam "a porta da sacristia fechada, cadáveres de escravos mal amortalhados e foçados pelos cães errantes" (Franco, 1993). Em certo trecho afirmava ele: "tão pequeno cemitério mas apinhado de cadáveres, cuja exalação, tão sensível ao olfato em dias calorosos, era quase suficiente para pejar o ar de partículas deletérias". E concluía: "para extinguir o escândalo e esse foco de miasmas, não julguei dever esperar mais. Fiz com que a Santa Casa se incumbisse da edificação de um novo cemitério fora da cidade, em lugar escolhido por uma comissão de pessoas entendidas." Foi nessa época que se designou o local denominado Alto da Azenha para abrigar o novo cemitério. (2003, p. 688)*

Em 1842, devido a lotação do local, foi adquirido pelo então Barão de Caxias uma área no Alto da Azenha. O novo cemitério foi inaugurado em 1850. E entre esta data e 1880 já haviam sido sepultadas trinta mil e trezentas pessoas, já que era o único cemitério da cidade (Bellomo, 1988, 192).

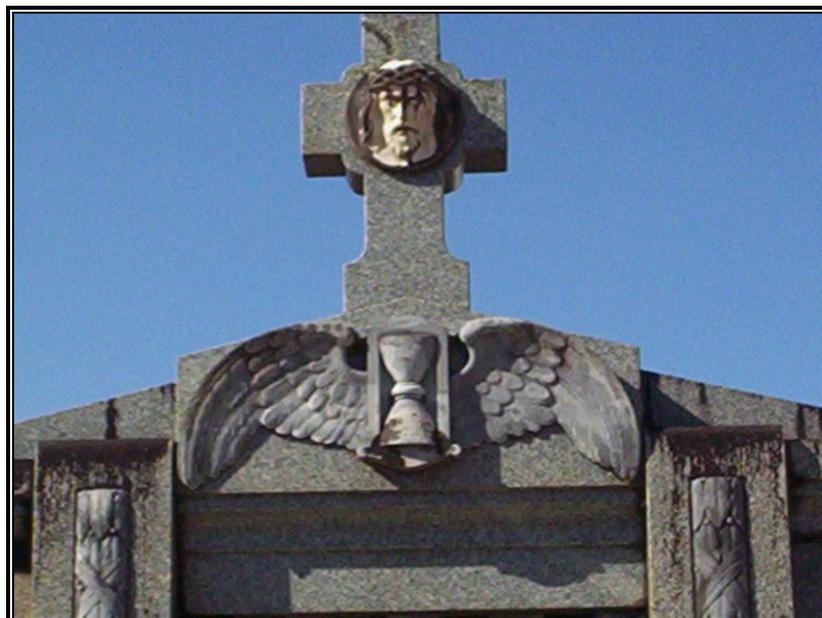
Atualmente, o cemitério possui 11 hectares de área, contado com galerias para os sepultamento em gavetas, área nobre para os jazigos e monumentos funerários, área para os sepultamentos comuns e local para túmulos de indigentes.

Por mais que a influência do gosto artístico europeu bem como o investimento por parte do governo de influência positivista em obras que possuíssem caráter cívico-celebrativo fosse relevante na produção de túmulos do período relatado, percebemos que a presença dos símbolos cristão é massiva. Diferente de cemitérios localizados em São Paulo e Rio de Janeiro, os quais Motta (2009, 85) indica: "(...) foi apenas no início do século XX que a morfologia tumular e suas alegorias começaram a adquirir uma dimensão mais laicizada(...), em Porto Alegre o símbolo e a alegoria cristã predominam. Mesmo nas capelas neoclássicas e na estatuária alegórica sentimental, o elemento cristão se faz presente: uma cruz, âncora ou ramo de palma.

O símbolo cristão mais encontrado evidentemente é a cruz, presente nas capelas, nas lápides, esculpidas em metal ou pedra, sobre templos e até mesmo sobre obeliscos. Nela está contida a fé e a crença em um dos princípios mais caros para os cristãos: a ideia da morte e da ressurreição (Dalmáz. 2000, p.125)



Templo de influência Neoclássica com a cruz no topo  
Cemitério da Santa Casa  
Foto do Autor



Cruz com cabeça de cristo crucificado (coroa de espinhos) acima da ampulheta voadora  
que representa a passagem do tempo terrestre (Lexikon, 1997, p. 18)  
Cemitério da Santa Casa. Foto do Autor

Outro símbolo comum no cemitério da Santa Casa são as plantas. Para o cristianismo as plantas possuem diferentes significados, como a salvação e a saudade (coroa de flores), a rosa (Virgem Maria), mas todos possuem em comum o sentimento do sagrado, pois são símbolos religiosos.



Ramalhete de Papoula  
Cemitério da Santa Casa. Foto do Autor

As plantas são muitas vezes representadas individualmente, ou como parte de um conjunto simbólico, através de alegorias, que representam idéias abstratas. As alegorias são figuras humanas, geralmente femininas, acompanhadas de símbolos que dão significado à alegoria, muitas vezes representando um sentimento relacionado ao morto.

Entendemos que as alegorias, de acordo com Walter Benjamin (1984, p.18) são uma forma de expressão de um conceito e de uma ideia personificada, indicando sentimentos, como a dor, a desolação, bem como de elementos que expressem as realidades políticas e econômicas, como a república e a indústria. Não encontramos nos cemitérios pesquisados nenhuma alegoria relacionada à economia.

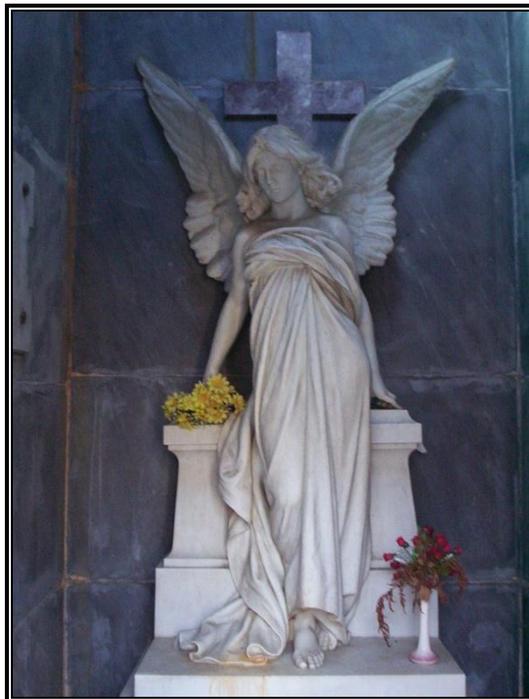
As alegorias funerárias, conforme Bellomo (2000, p.38), são representadas de acordo com as concepções do classicismo, sendo em geral figuras femininas, e podem ser classificadas em dois tipos: As alegorias sentimentais e as alegorias cristãs. As primeiras indicam um significado emocional, traduzindo os sentimentos. As segundas expressam um sentimento religioso, geralmente indicando as Virtudes Teológicas (Fé, Esperança, Caridade), a Justiça (Virtude Cardeal) e a eternidade, a oração, a morte e o Juízo Final. As alegorias que estão acompanhadas de símbolos cristãos exemplificam a fé da família ou da comunidade que as erigiu, sendo estas a maioria.

Estas expressões funerárias apresentam as influências do romantismo, pois observamos que dentro do período de tempo analisado na pesquisa as estátuas sofrem mudanças que estão relacionadas às características sentimentais do período romântico, no qual surgiu a idéia do sublime e do erotismo. As alegorias surgem inicialmente na personificação de figuras angelicais, como a alegoria do Juízo Final, que segura a

trombeta que, de acordo com a crença cristã, ira acordar os mortos no dia do juízo final, e a alegoria da esperança, simbolizada pela estrela.



Alegoria cristã do Juízo Final  
Cemitério da Santa Casa  
Foto do Autor

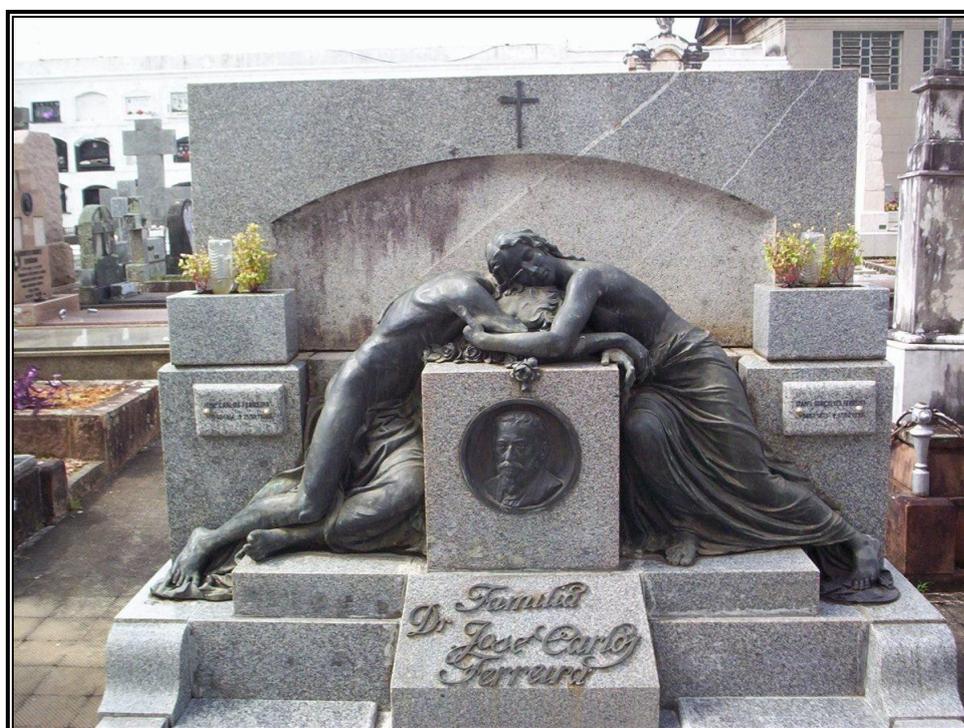


Alegoria cristã da Esperança  
Cemitério da Santa Casa - Foto do Autor

Com o passar do tempo, as alegorias perdem as características angelicais e se tornam figuras femininas cada vez mais desnudas, expressando apenas sentimentos.



Alegoria da Desolação  
Cemitério da Santa Casa  
Foto do Autor



Alegoria da Desespero (Masculina)  
Alegoria da Consolação (Feminina)  
Cemitério da Santa Casa  
Foto do Autor

## Considerações Finais

Para finalizar, ressaltamos também que o sentido da alegoria transcende o simples significado de seus elementos e ao estudarmos as obras funerárias e seu contexto, constatamos que a afirmação da fé é uma constante nos túmulos analisados no espaço temporal delimitado pelo artigo. Essa fé pode ser representada através de suntuosos monumentos devido ao grande crescimento econômico que o Estado do Rio Grande do Sul passava no período. Neste sentido, o cemitério passa a ser indicativo do processo econômico, e desse modo, dos padrões de vida de determinadas classes sociais.

Os cemitérios preservam as identidades culturais de uma região através das expressões simbólicas contidas nos túmulos, que evidenciam aspectos da sociedade em que estão inseridos, como as manifestações da fé (estatuária cristã, crucifixos), através das influências artísticas (elementos do neoclássico e do romantismo).

Os diferentes simbolismos encontrados nos túmulos reforçam a idéia de afirmação de identidades, pois indicam a necessidade de pertencimento social, já que as expressões funerárias nos revelam aspectos culturais nos quais a sociedade estava inserida, através da representação de elementos ligados a fé e ao gosto artístico.

## Referências

- ABBEG, Cláides; BASTOS, Ronaldo. MENEGHEL, Stela N. Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos: um estudo exploratório sobre desigualdades no morrer. In: *História, Ciências, Saúde Manguinhos*, Rio de Janeiro. vol. 10(2):683-702, maio-ago. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v10n2/17755.pdf>>. Acesso em 10 Out. 2014.
- BACZKO, Bronislaw. Imigração Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1985 (vol.5: Antropos-homem, p. 296-332)
- BELLOMO, Harry R. *A Estatuária Funerária em Porto Alegre (1900 -1950)*. 1988. 204f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1988.
- \_\_\_\_\_.(org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.
- \_\_\_\_\_.(org.) *Rio Grande do Sul: aspectos da cultura*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1994.
- BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BORGES, Maria Elizia. *Arte funerária no Brasil (1890-1930) ofício de marmoristas italianos em Ribeirão Preto*. Belo Horizonte: Editora C/ Arte, 2002.
- CARRASCO, Gessonia Leite de Andrade. NAPPI, Sérgio Castello Branco. *Cemitérios como fonte de pesquisa, de educação patrimonial e de turismo*. REVISTA MUSEOLOGIA E PATRIMÔNIO - v.2 n.2 - jul/dez de 2009. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>>. Acesso em: 15 set.

2012.

CATROGA, Fernando. *O Céu da Memória – Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal (1756-1911)*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.

DALMÁZ, Mateus. Símbolos e seus Significados na Arte Funerária Cristã do Rio Grande do Sul. In: In: BELLOMO, Harry R.(org.) *Cemitérios do Rio Grande do Sul: arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EDIPUCS, 2000.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

DOBERSTEIN, Arnaldo Warter. *Estatuária, Catolicismo e Gauchismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ELÍADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões. São Paulo: WMF, 2010.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

KOCH, Wilfred. *Dicionário de Estilos Arquitetônicos*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LEXICON, Herder. *Dicionário de Símbolos*. 10 ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

LOUREIRO, Maria Amélia Salgado. *Origem Histórica dos Cemitérios*. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura do Município, 1977.

QUEIROZ, Francisco apud ALMEIDA, Marcelina das Graças de. *Morte, Cultura, Memória - Múltiplas Interseções: uma Interpretação Acerca dos Cemitérios Oitocentistas Situados nas Cidades do Porto e Belo Horizonte*. Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Tese de doutorado. 2007.

ZILLES, Urbano. *A Significação dos Símbolos Cristãos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.